

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA  
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

ARCURI, Marcia . Márcia Arcuri (depoimento, 2005). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 15min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Márcia Arcuri  
(depoimento, 2005)**

Rio de Janeiro

2022

## ***Ficha Técnica***

***Tipo de entrevista:*** Temática

***Entrevistador(es):*** Adelina Maria Alves Novaes e Cruz; Américo Oscar Freire; Helena Maria Bousquet Bomeny; Marisa Schincariol de Mello;

***Levantamento de dados:*** Marisa Schincariol de Mello;

***Pesquisa e elaboração do roteiro:*** Adelina Maria Alves Novaes e Cruz; Américo Oscar Freire; Helena Maria Bousquet Bomeny; Lúcia Lippi Oliveira; Marisa Schincariol de Mello;

***Técnico de gravação:*** Clodomir Oliveira Gomes;

***Local:*** Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

***Data:*** 08/06/2005 a 08/06/2005

***Duração:*** 2h 15min

Fita cassete: 3;

Entrevista realizada no contexto do "Projeto educativo sobre arte pré-colombiana para professores", desenvolvido pelo CPDOC e financiado pelo Centro Cultural Banco do Brasil, entre junho de 2005 e fevereiro de 2006. O principal objetivo dessas entrevistas foi refletir sobre a experiência dos arqueólogos em suas descobertas, as simbologias do universo pré-colombiano e a aproximação autorizada a essas culturas. Os principais resultados da pesquisa foram disponibilizados em: revista e CD-Rom "Por ti América: aventura arqueológica". Rio de Janeiro: CCBB Educativo, 2006; e a exposição "Por ti América, arte e culturas pré-colombianas", que ocupou o CCBB de 11 de outubro de 2005 a 29 de janeiro de 2006. A escolha da entrevistada se justificou porque além de ser antropóloga, era curadora da exposição.

***Temas:*** Arqueologia; Cultura; Feiras e exposições; Índios;

## *Sumário*

A ideia da exposição Por ti América; a arqueologia da América Latina; a polêmica em torno da datação de vestígios e a ocupação da América; os métodos de datação da arqueologia; os objetivos da exposição; a visão tradicional do Brasil sobre a história indígena; comparação entre os vestígios encontrados no Brasil e na América Latina; a tecnologia das populações da América pré-colombiana; a organização da exposição; áreas do estudo arqueológico; as quatro regiões da exposição: a diferenciação, a relação entre elas e como a divisão foi feita; o conceito de pré-história como marcador temporal; as formas de entender os processos de trabalho das sociedades pré-colombianas; novos comentários sobre a relação entre as regiões da exposição; os temas que guiam a exposição; comentários sobre as técnicas de trabalho das populações indígenas americanas; as cosmovisões das sociedades; a questão do sacrifício; a ancestralidade e os rituais que são realizados atualmente; os rituais de morte e enterro; as simbologias nos vestígios e a decodificação; comentário sobre os códices; como foi elaborada as explicações das simbologias e a elaboração dos módulos da exposição; como é feito o trabalho arqueológico de análise dos vestígios e objetos; comentários sobre formação acadêmica; a decisão de estudar arqueologia; a metodologia de identificação de linguagem e conjunto de peças; a utilização datação nos estudos arqueológicos; escolha linguística entre narrativa ou mito; a visão tradicional sobre os povos americanos antes de 1500 e a riqueza de culturas; a simbologia dos animais representados nos vasos; como são classificados os objetos rituais; o jogo de bola: sua função ritual, as narrativas; a importância das guerras e das batalhas para as sociedades americanas, as mudanças culturais na sociedade mexicana.

*Entrevista: 08/06/2005*

H.B. – O que você pensou para a exposição, como você desenhou a exposição, que culturas você escolheu e por quê. A idéia da exposição, como concebeu conceitualmente a exposição.

M.A. – A exposição trata da América pré-colombiana como um todo, ainda que tenha sido uma opção geral e não só da curadoria, da organização, dos interesses comuns, de limitar regionalmente ou espacialmente falando a América Latina. Acho que é muito claro para nós brasileiros porque essa é uma questão latente, que nós já discutimos bastante em relação a essa identidade que nós estamos sempre buscando. Então, por mais que a conversa com especialistas, arqueólogos e historiadores, colecionadores, quem trabalha com história da América. Porque a arqueologia para mim nada mais é que parte da história, ou uma disciplina que derivou do estudo das sociedades do passado. Não existe uma congruência completa em relação a quem acha que a América colombiana está tão próxima do universo brasileiro, e quem acha que sim, que o Brasil faz parte integralmente, essa América tem que ser pensada como um todo, e eu sigo essa linha mais geral. Essa variação na maneira de enxergar a história da América no passado e o quanto o Brasil se aproxima ou não das culturas pré-colombianas é fruto também de várias lacunas que a gente ainda enfrenta no conhecimento arqueológico, enfim, os dados, as datas. No conhecimento geral, mesmo quem não é da área de história, de arqueologia, a pergunta como a América foi ocupada, já passou pela cabeça de muitos brasileiros e junto dessa pergunta, somos nós fruto de uma ocupação que veio realmente do norte e chegou até o sul da América, e passou por aqui, ou não, e porque as datas da arqueologia brasileira justamente são datas polêmicas, a datação dos vestígios arqueológicos do Brasil justamente são polêmicas. Acho que isso aproxima o brasileiro da questão da ocupação da América e aproxima o brasileiro desse diálogo com a questão pré-colombiana como um todo.

H.B – O que quer dizer polêmica?

M.A – Porque você tem vestígios arqueológicos na América do Sul que chegam a 35.000 a 40.000 anos antes do Presente. Como em qualquer trabalho de pesquisa você tem que ter uma certa gama de dados suficientes para ter mais certeza, segurança para aferir alguma coisa. E a maioria das teorias arqueológicas baseadas em dados que fazem um percurso desde o norte, não conseguem passar dos 12.000, 12.500 anos, mas são teorias, e principalmente arqueólogos da América do Sul, muitos defendem que essa ocupação tem que ter ocorrido de uma forma distinta desse modelo que é necessariamente vindo do norte para o sul, justamente porque os dados arqueológicos nos dizem que a ocupação não pode ter sido tão linear. Acontece que nós sabemos que a cronologia, você estabelecer uma cronologia, é um trabalho complicado porque as formas que nós temos de datar não são totalmente precisas. São trabalhos intensos, com grandes equipes, e ainda com o intuito de esclarecer um pouco mais essas cronologias. Justamente se você for abordar a América como um todo, fica difícil aceitar essa questão da ocupação de uma forma ou de outra, porque não é um universo que necessariamente todo arqueólogo vai estar trabalhando. Porque se for pensar em uma ocupação, mesmo dos dados mais precisos, a partir de 12.000, 12.500 anos, até o contato com o europeu, quantos séculos nós estamos falando? Nesse sentido, o trabalho do arqueólogo tem esse leque muito grande que vai desde essas questões de cronologia até o campo do universo da pictografia e da linguagem, e como essas sociedades, a partir de mais ou menos 3.000, 2.000 antes de Cristo, a gente usa essa datação do mesmo jeito que a gente usa a conquista para se localizar, passaram a produzir cerâmicas e esculturas e objetos que nos dizem muita coisa justamente por estar registrando ou codificando um pensamento. São dois campos muito distintos de ação: um deles tem mais a ver com o campo, essa cronologia que vai procurar novos dados que vem desde a época do paleolítico e o arqueólogo, como eu, que está trabalhando com coleções de museus, evidências que já estão resguardadas. Claro que existem escavações que estão clareando mais esse universo no sentido de que as datas vão continuar surgindo, mas o que a gente pode dizer é que algumas teorias preferem acreditar que no compito geral os dados dizem que a partir de 12.000, 12.500 anos antes do presente você tem evidências claras de ocupação por toda a América, e muitas datas ao Sul, América do Sul, que são posteriores. Mas quando você encontra um vestígio aqui no Brasil, ou na América do Sul que te proporciona uma

data de 35.000, 40.000, fica todo mundo assim, como isso ocorreu? É uma questão da ocupação, é uma questão da contaminação da amostra que você está trabalhando?

A.F. – O quer dizer contaminação da amostra?

M.A. – Existem vários métodos de datação, um deles aqui no Brasil fica meio difícil, e é justamente quando você segmenta árvores que você sabe que tem uma duração milenar, e através dos anéis, de uma leitura do corte, você consegue perceber as estações, e enfim, você faz esse tipo de comparação com o vestígio que você encontrou naquela determinada região. A datação que se faz de modo geral é por Carbono 14 e muito do vestígio arqueológico pode ser encontrado em contexto principalmente mais antigo, de uma queima de fogueira, ou um enterramento que ocorreu algum tipo de queima. Pode ter contaminação da própria amostra que é uma questão do solo mesmo.

Uma outra coisa que faz muita diferença, aqui no Brasil não tanto, mas em outras partes da América, é o movimento tectônico, porque a partir do momento que você faz um estudo estratigráfico num local que tem muito movimento de terra, como você garante que aquele pedaço da amostra que você pegou, em uma determinada camada mais superficial, não foi parar uma camada mais profunda justamente por um movimento. Lembrando que os estudos de enterramento, como as sociedades podem se considerar mais próximos do que foi levar depois a formação de linhagens, cacicados, os padrões de enterramento são fundamentais porque se parte do princípio que os animais não enterravam seus antepassados e os homens sim. Quando você vê que existia uma recorrência de enterramentos perto de cavernas ou assentamentos perto de rios, todos esses dados devem ser considerados quando você encontra o vestígio, porque mesmo se for de uma preguiça gigante e não de um homem que você encontra os restos da ossada, às vezes você vê relatos de arqueólogos que encontraram um determinado animal no fundo de uma caverna, mas você não sabe se foi para lá de propósito ou se foi fruto, talvez não de um terremoto, mas de um deslizamento de terra, então, são muitos dados para tratar de questões muito amplas, então, a precisão do trabalho científico demanda que você não avance mais do que os dados estão falando.

H.B. – Voltando um pouquinho, o que a exposição quer contar? Como você pensa contar isso na exposição?

M.A. – O ponto de maior identidade do brasileiro com essa questão pré-colombiana, ou quando se fala em América, sem considerar obviamente a parte de América Latina e a formação dos estados nacionais pós-conquista, volta lá para esse passado distante da ocupação, mas nós temos vários séculos até chegar no período da ocupação aonde por muito tempo o brasileiro e o latino-americano em geral, infelizmente, se sentiu aquém da capacidade social do ser humano se inserir socialmente por questões de um pensamento que se desenvolve numa escala evolutiva, num processo de civilização em contrapartida ao primitivismo. Então, ou você é civilizado porque tem grandes monumentos e grandes edificações, como tiveram o Egito e a Mesopotâmia, ou você é fruto de um passado de índios pelados que viviam caçando e coletando. E justamente o que a gente percebe, é que a América pré-colombiana tem um fio condutor na sua história que é muito fácil de identificar quando você consegue perceber que não tem nada de primitivo nessa história, justamente porque o desenvolvimento tecnológico, e é importante ressaltar aqui que para os arqueólogos usar o termo tecnologia, mais uma vez é um termo que não está arraigado desse preconceito de que tecnologia gera desenvolvimento num sentido já da computação e do eletrônico. Tecnologia aqui é usada no sentido de manufatura de ferramentas, de objetos, enfim, o potencial dos recursos da matéria e o bom uso, ou a descoberta desse potencial e a possibilidade de explorar ao máximo, levou-os a uma situação que estava muito distinta de ser atrasada, primitiva, no momento do contato com o europeu. A maioria das pessoas não sabe disso, infelizmente, também no Brasil.

H.B. – Quando se fala das culturas pré-colombianas para os países que não Brasil, tem uma externalidade forte você falar da sofisticação da geometria, da matemática, da arquitetura. Para incluir os índios brasileiros, esses exemplos ficam restritos, porque não é tão visível.

M.A. – Exatamente. Até porque quando começamos a falar nos indígenas brasileiros, as pessoas não sabem muito bem se pensam na Amazônia, ou lembram Tupi, Tupi-guarani, onde que eles viveram mesmo, na costa, e esse universo era muito amplo e plural que isso.

Mas, o que chama muito a atenção é que tanto no ambiente da floresta tropical, da mata, quanto no ambiente de costa, o vestígio tem uma durabilidade diferente de áreas desérticas ou de áreas mais secas, como é o caso dos Andes e da Mesoamérica. A gente não sabe o que existiu e não sobreviveu a ação do tempo, em termos de material orgânico. E a outra questão é que a monumentalidade não é necessariamente um fator identificador de desenvolvimento, e é por isso que a gente tem essa dificuldade, porque nós estamos sempre pensando que o assentamento que gera edificações de grande porte é o assentamento que agrupava uma maior quantidade de pessoas. Existe uma lógica nisso e a gente sabe que a consequência disso é a estratificação, porque quanto mais pessoas estiverem vivendo em um local reduzido, sob as mesmas quantidades de recursos, e quando eu levo em recursos, eu falo em recursos de subsistência em primeiro lugar, será necessário criar uma estrutura social e hierárquica aonde alguém vai produzir, alguém vai ser responsável por circular, como isso se dá em uma sociedade com muita gente sem hierarquia? É difícil você imaginar uma comunidade com milhares de pessoas, e produzindo, plantando, distribuindo, sem ter alguma organização, algum tipo de chefia. E aí você pensa que no caso da floresta tropical, isso não aconteceu porque os grupos eram menores. Por um lado sim, mas por que os grupos eram menores? De certa forma porque a própria natureza, o ambiente permite uma maleabilidade maior. Quando você está em um lugar aonde você pode contar com dez árvores de determinado fruto ao invés de uma só, ou vamos passar para uma escala mais ampla, dez hectares de árvores com frutos, de animais em reprodução, que você pode caçar, pescar, que vão estar sempre se reproduzindo, e não vão necessariamente se esgotar, as pessoas vão poder sobreviver daquela forma ali sem necessariamente um ter que disputar com o outro determinado animal caçado. Nesse sentido, a caça e a coleta, ou o nomadismo, não é necessariamente uma condição de falta de capacidade de adaptação, mas sim uma condição que é dada por uma riqueza de recursos da natureza. E isso é a maior dificuldade que a gente tem de entender. Mesmo porque a contrapartida disso é que um indivíduo vai ter mais dificuldade de se sobrepor a um grupo de indivíduos, ou a outros indivíduos, por questões, geralmente acontece de uma forma, eu conquisto você, te protejo dos inimigos e você me paga um tributo X. Vai ser mais difícil essa relação acontecer quando esse grupo pode simplesmente migrar para 100 Km dali e ter os mesmos recursos. Então, ele não precisa de ninguém para defendê-lo.



Um dos eixos que eu acho que norteia a exposição, de como tratar essa pluralidade, essa diversidade da América, sem ignorar porque os grupos da Amazônia podem ser comparados aos grupos da floresta tropical do México, apesar de estarem em regiões tão distantes, porque as condições dadas pelo meio-ambiente, nós resolvemos dividir a exposição em quatro grandes módulos, determinados por regiões culturais. Existe um certo ou aparente paradoxo nisso, exatamente nesse exemplo que eu dei, porque a Mesoamérica, que pega parte do México, Honduras, Guatemala, é uma região que tem uma identidade cultural específica e ela tem várias regiões que se distinguem pelos fatores geo-climáticos. Então, você tem o planalto central mexicano, que é muito mais seco, uma região vulcânica, e você tem a área maia, que é uma região com mais rios, mais florestas, muito mais parecida com a Amazônia, por exemplo, que nós conhecemos muito bem. Por isso que eu digo que é um aparente paradoxo, porque essas quatro regiões seriam Mesoamérica, América Central e Caribe, os Andes e as terras baixas da América do Sul. Só que em cada uma dessas regiões existem certas particularidades e nós sabemos que essas particularidades podem ter laços de identidade com uma micro-região cultural, que é o caso da Amazônia e das terras da região Maia.

A.G. – Serão quatro módulos em função das regiões, e dentro desses módulos será contemplada toda a linha temática, que é o que vem a seguir. Você vai trabalhar todos os elementos dentro dos quatro módulos.

M.A. – A idéia de tratar os quatro módulos é didática, é para nós não esquecermos a balança que existe entre a arqueologia e a história. A Arqueologia é uma disciplina muito mais empírica. Esse lado que eu estou falando que não é da adaptação ao meio, mas a transformação do meio. A maneira pela qual o homem se insere no seu meio, a maneira como ele responde ao seu meio. Estou falando de dados extremamente práticos, concretos, ou você mora numa terra que chove, ou você mora numa terra que não chove. E aí tem todo o outro lado que eu acho que se aproxima mais do universo conceitual, de como o homem se pensa em seu meio, e de como ele se pensa em sociedade, se ele acha bom se sobrepôr a um determinado grupo. São lados de um mesmo passado de sociedades que viveram com indivíduos, alguns foram chefes de governo, outros foram vítimas de um

sacrifício, outros foram chefes religiosos, outros foram artesãos, guerreiros, porque se não você acaba esquecendo o aspecto humano dessa história. Eu acho que essa é a maior dificuldade porque esse passado está tão distante da gente que às vezes a gente começa a pensar em grandes estruturas, de como poderia ter sido a vida em sociedade desses povos e esquece que todos eles tinham famílias, homens, mulheres, tem gênero, linhagens, ancestrais.

H.B – Dá para lembrar as quatro regiões.

M.A. – Mesoamérica, mais ao norte, Andes, Terras Baixas da América do Sul e América Central e Caribe. Lembrando que você chega até a terra do fogo nessa idéia, mas é um pouco difícil a capilaridade, em termos práticos para a exposição, é um pouco difícil de atingir. Nas Terras Baixas nós vamos nos concentrar mais na Amazônia, para esse ponto do Brasil não acabar pulverizando a importância disso para os brasileiros. A gente tratar desse tema a partir do Brasil, porque se você for pensar a América como um todo, vai até o Alasca. É um grande passo para o Brasil a gente conseguir viabilizar um projeto dessa natureza e a própria região caribenha, se você for pensar bem, a Venezuela, o Caribe e a Amazônia, também tem uma conversa ali. Nós estamos falando de uma certa aproximação espacial de trocas por meio marítimos, ainda que tem gente que acredite que as embarcações eram boas o suficiente, até nessas teorias da ocupação, tem gente que realmente acredita que a ocupação não se deu só pelo norte, mas pelo mar. Eu ainda não resolvi como colocar isso na exposição.

H.B – O que define a região? Como você liga uma coisa a outra? Você vai selecionar algum elemento que sinalize o contato entre elas.

M.A. – São os temas. A nossa idéia de tratar a questão por temas é justamente deixar explícito o fio condutor entre todas essas regiões, para que as pessoas entendam o que é fundamental para se entender a América pré-colombiana. Ela é dualista, dual, de uma forma quase que dialética, usando um termo muito mais contemporâneo e até anacrônico ao período que estamos tratando. Por um lado existe uma diversidade, uma pluralidade

cultural gigantesca aonde você vai ter particularidades nos registros, e na maneira de pensar, por outro, justamente o que vai definir esses temas são as identidades que nos levam a perceber um domínio gigantesco da astronomia, da matemática, codificação da linguagem, a importância do registro que nas sociedades mais próximas ao contato isso pode ser chamado de retórica até. E a escrita que é o grande dilema, porque até hoje você lê nos artigos de pessoas muito bem informadas, estudiosos, você vai ao jornal, sociedades alteradas, na própria arqueologia é muito comum a utilização do termo pré-história. Então, porque pré-história? Porque o termo pré-história é utilizado justamente para separar as sociedades, é a pré-escrita. E o que distingue um conjunto de objetos arqueológicos mochicas, que narram, descrevem um ritual, de uma cultura que vai de mais ou menos 100 a.C. a 700, da pedra roseta, por exemplo. Não tem muita distinção quando você consegue decifrar aquela linguagem, aquela codificação.

H.B. – É uma questão de especialização em decifrar e não de inexistência.

M.A. – O que distingue não é a origem desse assunto todo, mas a nossa capacidade de entendê-lo. Os temas vão servir para isso, por isso eu digo que a tecnologia é fundamental. Eu vou dar um exemplo bem prático, domingo eu fui numa exposição na pinacoteca, do Harry Moor, um escultor contemporâneo, consagrado, e ele trabalhou muito com metal e com pedra. Numa determinada sala exposição, tinha uma citação de um texto dele, aonde ele coloca as limitações de se trabalhar com aquele material, com a pedra, justamente pela densidade, é muito dura, e quando você vai esculpir a pedra, é a pedra que dá o tom do produto final. Seria uma inversão do papel na produção. E aquilo me deixou encantada, porque quando você vê as esculturas em pedra feitas por essas sociedades, que se diz que não conheciam o ferro, ou como bem disse um conservador de metal do Museu do Ouro de Bogotá, eles preferiram não usar o ferro talvez, quando você vê os objetos que eles produzem em obsidiana, que é uma pedra muito dura, com o polimento. É realmente difícil de entender como aquilo foi feito sem uma ação quase que mecânica de polimento. E você compara todas essas evidências de uma capacidade, habilidade tecnológica. Com essa frase de um escultor que estava lá sentindo a dificuldade na prática, para chegar ao produto final, ao objetivo final do objeto que ele queria produzir, o quanto a pedra entrava como um fator

limitante, isso exemplifica claramente a questão de como o domínio da técnica é particular e relativo. O fato de você usar um material ou outro para trabalhar, parece que existe uma moral evolutiva. Por que você vai gastar 10 horas para fazer algo se você pode gastar uma hora com uma máquina que te ajuda. Esse é um pensamento que vem de uma valorização do tempo.

H.B.- Você pode ter tido a máquina e ela ter desaparecido como registro?

M.A. – Ou você pode achar que gastar dez horas é mais importante. E aí entra a questão do ritual, que é fundamental, porque o que eu acho que realmente permeia a nossa valorização das coisas é a relação com o tempo na forma de tentar cortá-lo. A questão da eficiência, e a eficiência para eles não necessariamente era dada pelo tempo gasto. Essa relação custo-benefício. Mesmo porque o tempo do ritual é fundamental quando você vai ver a produção do objeto, a produção de toda a parafernália ritual que vai resultar no fundo nesses objetos que nós cavamos, tentamos, entender, de certa forma recuperamos, e estamos trazendo para o público para divulgar, para que as pessoas possam aprender um pouco mais sobre o que essas sociedades fizeram, se preocuparam em registrar. Porque também tem a preocupação em fazer uma escultura em pedra verde e não em basalto. As funções estéticas não devem ser ignoradas nunca, apesar de a gente não poder pensar nessa produção material como arte no conceito de arte criado muitos séculos depois, mas ao mesmo tempo, você não pode tratar esse material como uma coisa tão distante da pessoa humana, do indivíduo que trabalhou com aquilo, escolheu um material que tem uma cor branca ou uma cor verde, e que simbologia aquilo poderia ter para aquele indivíduo ou para aquele determinado grupo de pessoas.

A.F. – E essa questão da relação entre as regiões, você pensou alguma coisa para a exposição?

M.A. – As quatro regiões vão ser segmentadas única e exclusivamente por uma questão didática, porque de fato existem algumas características que limitam e que geralmente são limites geográficos. E dentro desse limite geográfico, você tem características de uma

determinada região, ou você tem uma micro-região dentro dessa região, e tem características geo-climáticas similares a um pontinho de outra região. Isso é uma das coisas que através dos objetos o público vai poder perceber, depois que fez a visitação, e passou por uma região, quando chegar na segunda, de repente no meio da visitação vai perceber, através de um objeto, ah, mas isso a gente viu lá. E obviamente nós temos que dar suporte, recursos, para a pessoa entender essa trajetória. Esse é um dos caminhos. O outro é porque essas temáticas vão ser tratadas em todas as regiões e preferencialmente na mesma seqüência para facilitar um pouco.

Vamos escolher três temas para ficar mais fácil de explicar. Se nós vamos tratar a tecnologia, a questão da codificação de linguagem escrita, dentro disso entra a abstração, que é o grau de sofisticação maior, então seria sofisticação tecnológica, intelectual, que é a escrita, a codificação da linguagem, a abstração, e um tema que é um pouco mais amplo que é a relação poder e ritual, que é a vida em sociedade. Então, você vai a Mesoamérica, e você vai tratar essa questão tecnológica, por exemplo, mostrando essas peças de obsidiana maravilhosas, muito bem polidas, mostrando esculturas em basalto ou mesmo uma cabeça olmeca de dois metros de altura, que leva o público a pensar como eles conseguiram, porque aí você dá subsídios de entender que, por exemplo, a pedra da qual é feita aquela cabeça não é original da onde ela foi encontrada. Então eles ainda se preocupavam em transportar. Por mais que uma cabeça olmeca pareça muito distinta de um vasinho de um macaco de obsidiana, você olha aquela cabeça olmeca e um vaso de obsidiana de 50 cm de altura, e você olha uma peça em jade de 2 cm por 1 cm, inteirinha gravada, com texto, com algo muito delicado. O que essas peças tem a ver uma com a outra? Qual o fio condutor entre essas três peças? O material é lítico, não é cerâmica, não é metal. Tanto para fazer uma cabeça olmeca quanto para polir uma obsidiana a ponto de ela parecer um espelho, quanto para fazer uma representação muito rica e delicada em cima de um objeto de 3 cm de diâmetro, você precisa dominar muito bem a técnica. Você sai da Mesoamérica e vai para os Andes, quantas técnicas para trabalhar o metal eram dominadas pelas sociedades andinas da região que é hoje a Colômbia? Mais de dez, doze. Nessas tem, por exemplo, a cera perdida, que é usada até hoje. Você tem a tubaga, que é uma liga que é um ouro, que na verdade, o metal só tem 5% de ouro, é uma combinação de 80, 15 e 5%. Existe uma grande polêmica em torno de como eles conseguiam isso, mas existem teorias, uma das

sumidades do Equador, a Harry Laderman, desenvolveu uma teoria nos anos oitenta, que eles passavam por vários processos, e o último tinha um banho de soda cáustica. Assim você vai trazendo o ouro que está na parte mais central do metal, primeiro elimina tudo até ficar só o ouro e a prata, e aí faz esse banho de soda cáustica em que só o ouro aparece. Você olha o objeto e não diz que não é de ouro. Isso que impressiona muito, porque a nossa idéia é inclusive captar o público pela emoção do objeto, e daí poder oferecer toda essa informação complementar para ele perceber que além de lindo é fantástico, porque eles dominavam esse tipo de coisa. Então, é um exemplo nos Andes ou no caso da cerâmica andina, aí eu já mudei de material, você tem as técnicas de modelagem onde, por exemplo, os vasos de sopro, ou de bojo simples ou de bojo duplo ligados por alça com gargalo, onde dentro do gargalo, embutido, você não vê, só fazendo raio-x da peça, existe um apito, que são objetos rituais que provocam som. Os de bojo duplo são feitos dessa forma porque você pode encher de líquido pela metade e a partir do momento em que você conseguir manusear o objeto pendendo de um lado para o outro, como uma gangorra, o líquido vai mover, empurrar o ar e vai fazer aquele barulho. Nós saímos da questão do lítico, mas continuamos, e também trabalhavam líticos, apesar de as evidências arqueológicas dos Andes é muito mais rica em tecidos, cerâmicas e metais. Você está em outra região, são culturas que tiveram suas particularidades e isso vai estar também retratado, mas você pode de novo definir todo um padrão de sofisticação tecnológica e assim vai para as terras baixas e assim pode ser para o Caribe.

A questão da escrita e da codificação, e do domínio da matemática. Na verdade, o princípio de tudo isso é a cosmovisão e a maneira como esse homem se entende dentro do universo, por exemplo, a gente chega no Rio hoje, e está um dia bonito, você fala: bom, o Rio é mais quente que São Paulo. Mas a luz é uma luz de inverno. Tudo isso faz parte de um universo cognitivo nosso que já está super explorado. Você pode antes de abrir a janela, durante o dia, na sua casa, olhar no jornal e você já tem lá uma previsão. Essas sociedades também tinham essa relação com o dia-a-dia delas, só que elas talvez não tivessem essa maneira de previsão que teria que chegar todo dia no jornal, mas elas passaram a lidar com a natureza de uma forma a prever situações e organizar a sustentabilidade daquela estrutura social de acordo com as estações e os processos. E obviamente o sol é um elemento

fundamental, que não só é a base da vida dos homens, plantas e animais como um todo, como também é a base do movimento, da rotatividade, do tempo.

H.B. – A idéia de cosmovisão está associada à maneira como os homens se entendem na relação com a natureza.

M.A. – Com a natureza, e com a natureza pensada como um todo, um cosmo. Essa natureza é a natureza plantas, animais, o próprio homem e as forças e os movimentos que giram essa a natureza. No sentido de que se você tem catástrofes de chuvas, dilúvios, ou se você tem vulcões que de uma hora para outra entram em erupção, ou se você tem neve, tudo isso passa por esse universo cognitivo que determina que as pessoas tentem encontrar um equilíbrio dentro disso, e esse equilíbrio passa também pela relação do sol e dos astros. Então, a gente sai dessa natureza do mundo que a gente vê da janela e entra para um mundo muito mais amplo, do universo, do cosmo mesmo. Por isso a gente chama de cosmovisão. Uma maneira boa de pensar isso, é pensando o que é cosmovisão, o que é cosmografia, cosmologia, são vários termos que partem da mesma raiz e que saem na minha maneira de ver de um universo mais concreto, mais palpável para nós que estamos tentando pensar tudo isso quando você entra na questão das divindades, deuses, enfim, das forças divinas, sobrenaturais, e até naturais. Porque esse limite entre o que é natural e o que é não é natural também é um dado construído socialmente, porque para nós é natural pensar que a morte é o fim e para eles não. Para eles é natural pensar que a morte é o começo.

Nesse sentido, a sua relação com a religião e com as divindades, ela vai ser determinada por esses conceitos que são anteriores, que é o que eu falei desde o início, que para a gente entender essas sociedades a gente tem que partir dessa questão da dualidade, porque nós somos frutos de um berço mais maniqueísta. Eles têm essa questão da dualidade o tempo todo como um equilíbrio, e manter o equilíbrio, quando, por exemplo, a cosmovisão não é única, vai variar de sociedade para sociedade, mas você tem uma percepção de um universo terrestre ou terreno, de um universo celestial, e isso não dá para ignorar, e é o sol, que é um elemento fundamental para isso. E você tem o universo, que às vezes se confunde, que pode ser chamado da escuridão, noturno, submundo ou inframundo, que é muito parecido com a nossa concepção de inferno, se você for fazer uma estratigrafia

do cosmo, em termos de espacialização, apesar de na Mesoamérica, por exemplo, o inframundo ser frio. Então, a gente começa a perceber certas distinções.

H.B. – É um local de sofrimento?

M.A. – Não, ao contrário, é mais mistério que sofrimento.

Se eles tinham controle do calendário, do tempo, e eles sabiam que o sol demora mais ou menos 12 horas para chegar no zênite, subir e mais doze para voltar, e eles conseguiam prever os eclipses e esse controle desse movimento é tão preciso, então, existia um espaço de concepção do que é esse universo inferior que você não vê e não domina. E se o momento em que o sol não está presente é o momento da escuridão, ele é identificado com isso.

M.M. – Através da cosmovisão, podemos relativizar o sacrifício, como o início da vida?

M.A. – Essa pergunta pode ser respondida de várias formas. Ela pode ser respondida com um conceito, que é o conceito que mais se aproxima desse todo antropológico que a gente tenta entender essas sociedades, e ela pode ser respondida de uma forma mais subjetiva. Eu, como mulher, creio que isso causava sofrimento e não necessariamente a adaptação de um indivíduo no todo social é equilibrada e homogênea 24 horas por dia em todos os dias da sua vida. Talvez não houvesse questionamento. E eu acho que a pesquisa científica não dá conta do universo da fé e da crença. Toda estrutura social determinada em uma cosmovisão, e a gente sabe disso porque eles se preocuparam em registrar e isso é uma maneira de legitimar, mesmo que seja de comum acordo para todo mundo, existe uma norma de vida em sociedade.

O sacrifício virou uma forma de dominação, passa a ser uma justificativa, ao mesmo tempo que leva ao domínio. O que eu quis dizer é que quando a gente fala que a morte é uma potência de vida é porque o sol sempre vai voltar no dia seguinte, a estação que vem após o inverno, que é a mais difícil em todas as sociedades, é quando a vida brota, e brota de uma forma tão clara que todo mundo fica feliz na primavera. Tem sociedades ali de uma determinada região aonde você só tem duas estações, mesmo aqui no Brasil a gente está



cada vez menos tendo estações definidas. Mas, para as sociedades que se pautavam muito nesse equilíbrio da natureza, são dados que nunca poderão ser ignorados. Quando eu digo que a morte é o princípio ou potência de vida isso pode ser expresso e compartilhado entre os indivíduos de formas diferentes para cada uma dessas sociedades. Se você pega as sociedades andinas, você tem aqueles rituais ou situações políticas onde eles traziam as múmias dos ancestrais para participar das decisões de governo. Na Mesoamérica, morreu, enterrou, pronto, na Amazônia a mesma coisa.

A.G. – Como essa informação chega até hoje, por exemplo, esse episódio?

M.A. – Por vários caminhos, mas justamente os vestígios arqueológicos nos dizem muitas coisas. No caso de culturas como inca e asteca, que foram muito próximas ao período colonial, a gente tem o resultado dos relatos e tem, no caso de algumas dessas culturas, o registro histórico indígena, autóctone, que é anterior, por exemplo, como os códices mexicanos. Isso não é muito diferente de como os mexicanos lidam hoje com a festa do dia dos mortos. Se você vai ao México hoje e se você vai ao cemitério de uma cidade muito turística, onde a população é mais misturada, você tem toda aquela festividade durante o dia, flores e a música, e 6, 7, 8 horas, acaba a festividade. Dali umas quatro horas, você vai a um cemitério na periferia da cidade, aonde tem a população local, de sangue muito mais indígena, de geração para geração, e eles vão passar a noite inteira cantando, sem sair de perto de onde seus antepassados foram enterrados. Eles trazem comida, bebida, para os antepassados inclusive. Do mesmo jeito do lado de fora do cemitério tem uma roda gigante, um fliperama. Agora essa permanência deixa muito claro um princípio muito similar a essa idéia e que no fundo, eu acho que nada mais é, que um respeito gigantesco à tradição e a ancestralidade, aonde a morte acaba deixando de ser o foco, e o foco é a ancestralidade. Uma múmia continua vindo às decisões porque ela é quem tem autoridade na família, da mesma forma que os novos governantes, a partir da morte de um governante, ele teria que construir novos palácios, conquistar novas terras, seu novo espaço, porque a pessoa morta não deixava de ser proprietária do que ela deixava. Isso para os incas. Isso é bem polêmico na historiografia.

A.F. – Você pretende explorar isso na exposição?

M.A. – Da ancestralidade. Porque o próprio princípio do pchacutli, que fundamentou um movimento já contemporâneo indígena de reivindicação de terra e política, a idéia é que de uma hora para outra existe uma inversão e os mortos voltam a governar e quem está no governo cai e morre. Na verdade, é o outro lado da moeda, o contraponto político de tudo isso, então, o que eu acho mais fascinante nesse universo é que enquanto nós estamos aqui quebrando a cabeça para desvendar o que eles entendiam da morte, tem esse outro lado, do mesmo jeito que houve uma certa manipulação para fins políticos, dá para a gente pensar deve ter alguém ali que não gostou de ver o seu filho sacrificado. Isso não está tão distante.

H.B. – A gente traduzir essa idéia do sacrifício não deve ser de uma forma romântica, do tipo que alguém está contente por um ter um filho sacrificado, porque isso não é possível. É uma descrição de como as sociedades criam as suas imposições e como as pessoas comuns dificilmente escapam delas.

M.A. – É importantíssimo lembrar que se fala em sacrifício de um modo geral e a gente não pode esquecer que os espanhóis encontraram as sociedades pré-colombianas no estágio mais avançado de hierarquização e domínio territorial, expansionista, e controle social coercitivo, e eles exacerbaram a questão da violência e tudo aquilo que ia contra os dogmas de uma igreja que fez coisas muito parecidas sob outras direções, nomes, normas, regras, ou o que seja, etc. E o princípio do sacrifício é o mesmo da missa aonde você toma o corpo e o sangue de Cristo. Originalmente, o alto sacrifício e a penitência, e o sacrificio dos animais era certamente muito praticado. E se a gente julga se era melhor ou pior sacrificar um cordeiro ou uma pessoa, ou você ficar se beliscando e se cortando, e derramando o seu próprio sangue, certamente na nossa concepção, hoje se você quer sangrar alguém, sangra você mesmo, mas é muito mais a questão ritual, o que esse sangue simboliza e a gente não pode esquecer que o sangue é o que dá a linhagem, é o que reproduz, a mulher em idade reprodutiva tem como primeiro sinal o sangramento. A gente acaba à vezes, ao tentar entender ou muito o lado político, eu estudo muito a questão política, a manipulação e o abuso de certos conceitos para fins políticos, justamente para quebrar esse romantismo,

mas tem esse outro lado, que é o lado antropológico dos laços, da simbologia, e o ideal é a gente sempre tentar não pender nem muito para um lado, nem muito para outro.

Quando a gente pega uma urna marajoara, independente se a ossada daquela pessoa que foi queimada e os restos queimados dos ossos estão dentro da urna, independente de aquela pessoa ter sido sacrificada ou não, porque a gente não tem evidência se aquela pessoa morreu de forma natural, numa guerra ou se foi sacrificada. Mas a gente sabe que ela foi enterrada de uma forma importante, vamos dizer assim. E na superfície dessas urnas você tem uma representação de uma figura gestando uma outra. Então, você tem um recipiente que contém os restos de uma pessoa que morreu, que está gerando uma nova vida, está grávida. É o mesmo conceito, e o que interessa para nós é mostrar uma identidade de percepção, colocação, necessidade de registro, aonde você não tem que comparar as sociedades somente se elas tinham pirâmides ou não, mas elas tinham maneiras de se pensar e de registrar muito similares.

A.F. – Um eixo é registro, então.

M.M. – Valorizar todas as formas de registro. Tomar os registro como escrita, que pode ser pictórico, desenhos, isso é escrita.

M.A. – Eu vou dar um exemplo. Eu falei daqueles vasos mochicas rituais, tem um ritual que acontecia entre os mochica, que é dividido em cinco fases, e que ele também termina em um sacrifício. Tem duas personagens principais desse ritual que são como se fossem mensageiros, o interessante disso é que você percebe que é um tempo longo, aonde eles percorrem um vasto território, eles sobem na montanha, e acontece um monte de coisas. Por isso você tem que tirar o eixo do sacrifício para entender a importância disso tudo. E esse ritual está registrado muito nas cerâmicas mochica, que são maravilhosos, porque você tem cenas de todo o ritual, menos do sacrifício. E elas são muito representativas, delicadas, essas figuras adornadas correndo pelo meio da montanha, só que você tem vários vasos que tem essa cena mais representativa, e você tem outros vasos que tem uma abstração que em alguns casos chega a uma forma completamente codificada mesmo, aonde ao invés de ter um mensageiro subindo na montanha adornado, ou a figura já transformada mitológica,

zoomorfa, você tem uma unidade mínima de linguagem que são três degraus, um triângulo na verdade, só que um dos lados representa justamente os três pisos da cordilheira, do ambiente andino. E em alguns vasos você só tem essa unidade mínima, que é uma figura geométrica, mas que tem todo esse conceito, que você só sabe disso porque se você juntar dez vasos você percebe que o outro tem essa figura em espelho contra a outra, forma uma pirâmide. E você tem um outro vaso, em que essas figuras que estão representadas num vaso isoladamente, só correndo, com toda essa vegetação em volta, você tem essas figuras subindo os degraus da pirâmide. Isso é a mesma coisa que você pegar um texto, uma narrativa do ritual e separar vários parágrafos, e várias partes do texto e fazer quadros, imagens. É você ir diminuindo a representação até o ponto onde ela está codificada mesmo e ela é completamente simbólica e não representativa. Isso é muito fácil de entender para a gente quando a gente vê um quadro do Picasso, agora se você coloca uma pessoa do século XV na frente de um quadro do Picasso, não necessariamente ela vai conseguir que naquele nariz, um seio, um olho, e um pé, existe uma mulher. Daí vem a escrita hieroglífica, por exemplo, fruto de um pensamento que saiu do representacional e foi diminuindo até chegar a um senema, unidade mínima de linguagem.

H.B. – Se a gente pudesse resumir essa discussão em um códice, talvez isso ficasse muito didático.

M.A. – Você pode usar tanto um códice aonde você tem uma informação totalmente pictoglífica. Os códices históricos são mais fáceis de explorar que os rituais. Nos últimos estudos de alguns dos principais códices você começa a perceber que nos códices rituais às vezes existe, no códice Bourbonico, por exemplo, que é um códice ritual, de prognóstico, ele tem as 18 festas do calendário, que não é uma questão histórica, rodava, que você tem na 15a festa desse códice, você tem uma celebração da cerimônia do fogo novo, que era a cerimônia que acontecia após um ciclo de cinquenta e dois anos do calendário. Nesse códice especificamente, que é um dos poucos que tem as festas, nessa representação da cerimônia do fogo novo você tem a data simbólica, que depois os estudiosos conseguiram descobrir que foi 1507 no governo de Montezuma chocoatl. Então, você tem um registro que é ritual, mas tem dados históricos. Mas existe essa clara diferença entre livros que

falam dos rituais e livros que são narrativas das linhagens, que são códices históricos. Não é difícil, e a gente vai ter elementos para isso, porque eu vou tratar disso na exposição.

D.R. – Como você vai tratar de peças simbólicas, que não são claras para o público em geral o seu significado?

M.A. – A minha idéia é eleger os melhores exemplos de cada uma das quatro, cinco temáticas, para cada região, e no fechamento da exposição, tentar traçar uma comparação entre as quatro regiões. Na exposição, nós vamos ter mais ou menos 200 peças de cerâmica andina. Um exemplo desse vai ser esgotado, explicado, com todos os recursos que não sejam textos quilométricos, uma coisa que ilumine, uma seqüência de desenhos. O resto vai ficar sugerido para que a própria pessoa perceba, então, você pode ter na mesma vitrine uma urna Marajoara, um vaso Recuay, que é uma região andina, uma peça do México e uma peça do Caribe, mas que você vai olhar e elas vão ter unidade. Então, você não precisa falar mais nada porque o público vai atender. Eu estou estudando peça por peça para saber como conceitualmente elas vão se encaixar.

A.F. – O último modulo é de interseção, diálogo, conversa entre as culturas.

M.A. – A idéia é, em cada módulo... Eu não sei se eu vou ter subsídios para só fazer essas vitrines que tenham peças de todas as culturas juntas ao final, ou se eu vou ter subsídios, que é o ideal e a idéia inicial, para em cada região, você ir inserindo peças das outras para que esse diálogo apareça.

A idéia é ter sempre na legenda um texto de quatro linhas que puxe. Não vai ser aquela legenda dimensões, técnica e nome da obra. Não é para ficar colocando texto em painel, mas para cada módulo, de quatro pecinhas que estão juntas por alguma razão, você ter quatro ou cinco linhas que ajude a pessoa a identificar essas unidades mínimas, ao invés de ficar tentando explicar, a pessoa tem que entender. As peças foram escolhidas com esse critério... O tema da abstração nós vamos tratar com as formas puras, peças que parecem Bauhauss, mas que são do ano 300. Vocês vão ter, por exemplo, para trabalhar com o universo infantil um monte de subsídios, aí vocês escolhem. Eu acho que a exposição tem

que ter várias leituras, mas ela tem que ter uma altura do universo da criança. Então, esse texto não vai ser rebuscado, cheio de palavras acadêmicas. É tentar criar uma legenda informativa sem cansar o leitor, mas sem falar o óbvio.

O milho cultivado na Mesoamérica, por exemplo, é um milho andino, e para mostrar o contato entre as culturas é interessante usar o milho.

H.B. – Uma das evidências mais fortes é a natureza.

M.A. – O filho, o feijão, a mandioca.

**\*Este trecho está gravado em vídeo.**

M.A. – A arqueologia é muita coisa. Ela não é só o trabalho de campo, e justamente a arqueologia que eu faço, já está num processo bastante posterior ao da escavação, que é o da análise dos objetos encontrados. E um dos pontos muito difíceis desse trabalho que eu realizo é você conseguir se ater a leitura do objeto de acordo com o contexto de origem quando você não tem dados tão precisos quanto os dados que o arqueólogo em campo pode registrar. Isso é um universo muito comum para os arqueólogos, porque hoje nenhum arqueólogo se dá ao luxo de investir em uma empreitada, de fazer uma prospecção, definir o sítio, achar e escolher que áreas ele vai abrir a sua escavação. E aí retirar o material e não registrar de que camada estratigráfica, que forma foi encontrado. A maioria do material que eu trabalho, é um material que já está resguardado nas coleções dos museus e muitas vezes você pega os materiais que vem dos domínios regionais, de grandes áreas, às vezes você não consegue dizer se ele vem de um povoado que estava assentado em um rio 300Km ao norte ou ao sul da região central daquele domínio, como foi Huari, Inca, Mochica, os que permaneceram por mais tempo foram domínios que foram controlando uma vasta região, dominando uma população local e o caminho que eu faço é justamente o contrário, é você partir do objeto.

Às vezes você tem o mínimo de um contexto, por exemplo, eu estou trabalhando uma coleção pré-colombiana do Museu de Arqueologia da USP, e grande parte da coleção foi coletada por um arqueólogo chamado Max Uli, uma pessoa que realmente percorreu a

área andina no final do século XIX, de forma intensa. Ninguém sabe direito se ele de fato escavava ou se ele adquiria as peças dos huaqueiros, mas ele tinha um conhecimento de causa, porque ele viveu, percorreu, conversou e essa coleção foi parar no Museu Paulista, que foi parar no Museu de Arqueologia. Por exemplo, eu tenho a classificação dada pelo Max Uli para aquelas peças, que totalizam mais ou menos 800 peças. Ao fazer a catalogação e estudo dessas peças, eu percebo que a classificação que ele deu é bastante precisa para algumas peças e não para outras. E como eu posso saber isso? Comparando os dados com outras peças e com o resultado de estudos feitos ao longo de todo um século, mais de um século agora, e muitas vezes de culturas que foram definidas depois da morte do Max e desse período de coleta. Então, é muito importante você conseguir contextualizar o momento em que você está realizando aquele trabalho, não ignorar o que disse o registro que chegou junto com o objeto, e isso num processo de catalogação de museu é muito importante que você não apague esse registro. Se você percebeu pela análise iconográfica do objeto ou formológica, que ele, por exemplo, um objeto Tembladeira ou não Chavín, é importante que você deixe no registro que ele foi originalmente registrado como Chavín e que depois ele foi identificado como pertencente a uma outra cultura que não está tão distante, é uma definição um pouco posterior.

H.B. – Que saberes ajudam a arqueologia nessa identificação?

M.A. – É fundamental você ter um conhecimento dos estudos iconográficos, que é uma prática teórica de quem estudou história da arte.

A.F. – A sua formação é em história da arte?

M.A. – A minha formação é em história pela USP, eu fiz o mestrado em história da arte na Universidade de Axxess e depois eu fiz o doutorado em Arqueologia na Universidade de São Paulo.

A.F. – Por que você saiu da história da arte e foi para a arqueologia?

M.A – Porque eu senti que era o pé do tripé que estava faltando. Porque eu sou de uma geração que para trabalhar com esse material acredita que os estudos interdisciplinares são fundamentais justamente porque é um material que é arqueológico e você tem que entender o contexto arqueológico daquele objeto ou de onde ele foi encontrado ou retirado, e ao mesmo tempo, você não está mais nesse estágio da escavação e enfim, de recuperar, no sentido de você conseguir chegar mais próximo de uma história passada, já é um estágio posterior, de interpretação. Existe uma polêmica na arqueologia, eu acho que hoje as teorias arqueológicas mais recentes acreditam que existe um grau de interpretação, mas a arqueologia é mais empírica, eu digo a arqueologia de campo. E o trabalho que eu faço é uma combinação desse conhecimento arqueológico com uma metodologia que é da história da arte. No fundo, o que varia é a metodologia, porque para você conseguir chegar a um universo de leitura de linguagem, onde você está tentando decodificar uma linguagem que a priori não é do seu conhecimento. Você tem que usar certos critérios, uma metodologia adequada que permita a interpretação. Se não você vai ficar no achismo. A única maneira de eu identificar uma unidade mínima de linguagem é encontrando os seus pares, os seus irmãos, os seus paralelos e as suas variações e por isso são estudos de coleções e, que obviamente, não se restringem à coleção de um museu específico porque aquela coleção tem um histórico de chegada lá que passa já por um recorte do colecionador, ou enfim, do histórico daqueles objetos terem se agrupado para chegar lá.

H.B. – Traços comuns, por exemplo, nas peças, ajudam o arqueólogo a criar conjuntos.

M.A. – São várias etapas. Você começa pela morfologia da peça, porque você vai se basear em estudos anteriores ao seu que já te dão algumas indicativas de que aquela cultura não produzia peças com gargalo longelíneos, ou o que é o caso da cultura tembladeira, que é muita parecida com a chavín, mas são os únicos que produziam gargalos com ângulo reto nessa alça estribo. Quando você pega um objeto da coleção que você está estudando, e você percebe que ela está classificada como chavín, só que ela tem aquele gargalo que a caracteriza como tembladeira, você fala: temos uma incongruência, entre o que foi publicado mais recentemente e o dado de origem do colecionador que tem mais de um século de existência. O colecionador não tinha obrigação nenhuma de saber algo que ainda



não havia sido descoberto. O caminho mais correto é você tentar verificar qual o ponto de junção entre esse dado original com a credibilidade da bibliografia que você está estudando. E é muito mais fácil você fazer isso comparando a todas as outras peças encontradas que são caracterizadas como tembladeira do que simplesmente confiando na palavra de alguém. Obviamente, o que está publicado, está em cima de estudos de coleções afora, e aí você chega nesse universo comum. Fora isso tem as técnicas de laboratório que são fundamentais.

A.F. – Vocês fazem datação?

M.A. – O ideal é a gente fazer. Nós temos, por exemplo, em um trabalho recente que eu tenho trabalhado junto com uma conservadora do Museu, a gente chega a alguns pontos Ts, que você não consegue avançar na interpretação, aonde uma datação poderia ajudar. Uma análise de um pigmento que aparece que parece ser diferente, que você consegue identificar, por exemplo, se aquele objeto era ritual ou não pela identificação de uma substância que ele contém, que você não sabe direito se é uma pigmentação de alguma substância que estava contida dentro da jarra ou do objeto, então, você pode avançar cada vez mais com esse tipo de estudo. Como o trabalho que eu faço é muito mais próximo a essa decodificação, enfim, essa compreensão da linguagem, você tentar entender o que está dito por aquele registro, em outras palavras, o que está escrito, só que não de uma forma alfabética. É mais fácil e mais barato, porque os projetos todos têm orçamento, você realmente se ater a esses estudos morfológicos, por exemplo, da pasta da cerâmica, tipo de pigmentação, se aquilo está dentro do que está estabelecido como as características do material produzido por aquela determinada cultura. E depois que você terminou essa análise morfológica, você entra realmente na linguagem que está na superfície daquele objeto. Isso não impede que você resolva problemas de datação, por exemplo, os mochicas são de mais ou menos 100 a.C. a mais ou menos 700, é bastante tempo para você saber se aquele objeto que você está estudando é de um período inicial, perto do ano 50, ou se ele é de um período final, perto de 650. Muitas vezes a análise iconográfica já avançou o suficiente para você identificar aquilo. Aonde você realmente encontra fases, estilos, que são característicos de uma fase anterior ou posterior daquela cultura. Do mesmo jeito que

às vezes um objeto mostra a combinação de dois estilos de culturas diferentes, mas de uma cultura que se sobrepôs a outra em um determinado momento, por exemplo, os incas conquistaram os domínios chimu, e você tem objetos que são identificados como inca-chimu. Por exemplo, eles têm características na forma que são incaicas, mas a queima da cerâmica, que dá uma coloração específica, é chimu. Isso é interessante porque o objeto começa a falar muito mais. Nesse sentido, gastar o que se gasta para datar, só vale a pena se for uma questão muito específica, para resolver uma questão. Porque o caminho que ainda resta percorrer para o arqueólogo que está em campo, realmente mexendo muito para fazer uma estratigrafia e tentar entender uma cronologia, eu acho que aí o investimento das datações é mais adequado. Não que não seria interessante fazer, mas para distribuir os recursos da pesquisa, porque uma data para o arqueólogo que está ali entre os anos 6.000, 8.000 é muito mais importante do que para eu saber se um objeto é do ano 300 ou 450, inclusive porque as datações não são tão precisas, existe uma margem que você sempre tem que pressupor.

H.B. – A gente quer ouvir um pouquinho de você sobre um conceito e um episódio, um diz respeito aos mitos de origem e o outro é exatamente essa atividade do jogo de bola.

M.A. – Tem gente que prefere, ao invés de mito de origem, usar narrativa de origem. Eu prefiro entender que a controvérsia é puramente acadêmica, é muito mais uma dificuldade dos especialistas acadêmicos de se compreenderem e de dialogarem do que um problema não-entendido por nós com relação a essas culturas. Essa dificuldade ainda é fruto dos estudos que se colocam como não-interdisciplinares. Você não pode usar a palavra mito, não são mitos, porque a interseção entre o mito e a história para essas sociedades, por exemplo, mesoamericanas, onde a cosmovisão está presente o tempo todo no registro histórico, ela é muito atada, intrincada, você não consegue separar. A preocupação em definir se é mito ou história acaba te desviando do seu objeto de estudo, do seu foco.

H.B. – Talvez seja interessante falar em narrativas de origem, que as próprias culturas deixaram em registros diferentes.

M.A. – Exatamente. Porque a palavra narrativa é no fundo mais neutra. A grande dificuldade vem de Levi-Strauss, porque a maneira com que ele descreveu a América, ela é muito carregada dessa idéia evolutiva, por mais maravilhoso que seja o trabalho antropológico dele.

O problema é que a questão do contato e do confronto que ocorre no momento do contato, ela é tão determinante para como as pessoas vão enxergar o período colonial, e depois a história da independência, que tudo ocorre antes de 1500 é tratado como um bloco único, como se não houvesse identidade, como se não fossem milhares e milhões de pessoas, e lugares e regiões diferentes, com trajetórias diferentes. Por isso eu falo que tem que tomar cuidado quando eu falo que eu vou tratar as linhas temáticas, esse eixo geral que une a América pré-colombiana, o contraponto, a dualidade, o contraponto disso é a variedade, a diversidade cultural. O que as pessoas tem mais dificuldade de entender é que era uma quantidade de gente enorme e uma história longa, a gente está falando de muitos anos de história. E redes de contato em uma intensidade de convívio social que as pessoas entendem só isoladamente. As pirâmides do México, Machu Pichhu, é muito estática a maneira como as pessoas enxergam esse passado. Se você pensar que na época incaica eles tinham uma agilidade tão rápida como é o correio do Peru hoje. E eles passavam naqueles vales e montanhas gigantescos, faziam pontes de material de fibra vegetal, trançadas. Uma pessoa passava pelo vale, subia, fixava na outra ponta, e durante dois, três meses ou dois anos, não sei quanto tempo durava, você tinha a agilidade de simplesmente atravessar uma ponte.

O domínio dos camelídeos, da llama, vocês vão perceber que é extremamente importante. Porque o que aparece mais é a cosmovisão, e que animais aparecem representados nesses objetos. Como a cosmovisão é justamente uma expressão, uma maneira de entender a relação do homem em sociedade com a natureza, que envolve essas forças naturais, animais, plantas, chuva, vento e o equilíbrio disso, essas mãos sobrenaturais que ajudam o xamã, o sacerdote, o homem, a controlar as forças da natureza, não é à toa que os animais que estão sendo representados são os predadores, o jacaré, a águia, o urubu-rei, a serpente, a onça, o jaguar, o puma, por que? Porque na hierarquia animal são os que têm maior poder. A apropriação que o homem tem dessa força para poder fazer essa intermediação, ela está o tempo todo, você pega os vasos de cariatides, de

Santarém. Você vê os homens, que são a cariatides, sustentando o universo celeste, fazendo essa intermediação. É um vaso ritual, lá no universo celeste, que seria o bojo do vaso, você tem vários apêndices no vaso cerâmico, onde você tem o urubu-rei, que se você descolar o apêndice do vaso e girar a peça 180 graus, o urubu-rei vira um homem. Esses animais todos que estão sendo representados, do mesmo jeito que o milho, o feijão, e todas as modificações que o homem faz na natureza e levam ele a um estágio de maior controle desse equilíbrio, também vão estar representados, e aí entra os camelídeos, porque o domínio das llamas não só levou a uma espécie de vestimenta muito mais prática, e levou também a uma maior agilidade nas trocas de produtos e na movimentação. É importante a gente sempre lembrar tanto por esses dados por esse lado antropológico ou ritual, da relação com as divindades, tudo que traz o poder, que é sempre com a função final de equilíbrio de vida, do cosmos, quanto o lado prático.

H.B. – O que te faz saber que um objeto ritual é a presença de uma figura?

M.A. – A iconografia confirma, mas para você definir se um objeto é ritual você tem que definir o contexto de origem dele, então, objetos encontrados em contextos de enterramento, oferendas. Existe uma identidade imediata entre os objetos rituais e esse tipo de iconografia. Por isso, nesse trabalho de coleção, muitas vezes você não sabe se aquele objeto foi encontrado em um contexto de ritual. Aí você vai analisar a morfologia, se ele tem marcas de uso utilitário ou não. Pegar objetos semelhantes e tentar compará-los a objetos semelhantes dos que você já tem o contexto.

H.B. – E o ritual do jogo de bola?

M.A. – No México todo mundo diz que morre quem ganha. É o que dizem, mas eu não acredito muito. Não há dúvida que o jogo de bola tem uma função ritual e existem evidências claras de sacrifícios que foram realizados em um contexto que estava ligado ao jogo. Nós temos de concreto essa evidência arqueológica, nas escavações, ao redor desses campos você tem evidências de enterramento e você tem em alguns campos, por exemplo, em El Tajín, mais de dezessete campos de jogo de bola num mesmo sítio. Eles são em

forma de i grega, com uma parede um tanto quanto alta, não muito largos e um monólito grande que é na forma de um anel. E eles têm escadas, que as pessoas chamam de arquibancadas, mas na verdade as escadas têm a ver com o movimento de ascensão e descensão. A gente tem essas evidências arqueológicas, a gente tem em El Tajín, digamos que na iconografia de determinada parede, em um determinado campo de jogo de pelota, uma representação de um jogador de pelota sendo sacrificado, então, isso é muito claro. Não dá para você ignorar uma representação do sujeito sendo de fato sacrificado no campo do jogo e adornado com toda a indumentária para o jogo.

E você tem, por exemplo, o Popol Vuh, que é justamente a narrativa de criação dos quiché maia, aonde você tem narrado que os irmãos gêmeos, os heróis gêmeos, foram jogar pelota no campo em cima de Chibalba, justamente para provocar os deuses do inframundo, porque eles queriam criar a humanidade, recuperando os ossos dos ancestrais deles, dos pais, que eram dois irmãos também. Você já está nesse universo complexo, aonde a vida não existe, mas você já tem ancestrais que foram sacrificados justamente pelos deuses de Chibalba e os dois heróis começam a jogar e fazer barulho. E o que acontece? Os senhores de Chibalba, senhores do inframundo, da escuridão, da obscuridade, anterior ao dia, a vida. Eles desafiam os senhores de Chibalba, jogam no campo de pelota e ganham. E com isso eles conseguem recuperar os ossos dos ancestrais, moem, misturam ao milho, derramam o sangue deles mesmo, do próprio pênis. Essa relação com o sangue é outra, porque ele é entendido como o equivalente da água e da vida, do mesmo jeito que o milho. Independente se quem ganhava ou quem perdia era sacrificado, a gente tem que ver o que a evidência nos diz, a gente tem evidência de que existia sacrifício, a gente tem evidência de que houve campos de jogo de bola por toda a mesoamérica, a gente tem narrativas como a do Popol Vuh, que coincide com outras narrativas de criação com relação a recuperação dos ancestrais. O que acontece no final das contas é que existe uma certa confusão entre essa interpretação do jogo de bola e a questão das guerras floridas dos mexicas. Até onde se sabe, chegou um momento em que os mexicas já tinham conquistado tanta gente, que para continuar promovendo os sacrifícios naquela proporcionalidade, começaram a promover batalhas rituais entre eles mesmos. Lembrando que a criação para os mexicas, e para a maioria dessas sociedades mesoamericanas, parte da batalha ritual. São várias narrativas de criação, uma delas coloca o sol noturno e Vênus, a estrela da manhã, divindade criadora,

em batalha, e isso está no Códice Borja. Isso é a contrapartida, que na verdade, a origem, a batalha ritual para a criação da vida, do dia, da humanidade e do mundo. A separação do céu e da terra.

H.B. – Todo o jogo de bola implicava em uma morte?

M.A. – A gente não sabe. A gente sabe que estava vinculado a um ritual. A batalha ritual está muito vinculada às narrativas de criação e isso vai fundamentar as expansões territoriais no caso das sociedades posteriores como a mexica. O que a gente sabe é isso.

A.F. – Esta relacionado a fertilidade?

M.A. – Com fertilidade nós temos que tomar muito cuidado, porque por décadas tudo foi explicado pela fertilidade.

Quanto mais estudo, mais eu acho que não tive dados suficientes que me levem a acreditar que de fato eram os vencedores do jogo que eram sacrificados o tempo todo. Pode ser uma limitação ao tipo de pergunta que eu fiz a documentação. A batalha ritual explica muito bem essa questão do jogo e da guerra que não é necessariamente a guerra de conquista. Eu não sei se o Eduardo falou para vocês sobre a questão da guerra da Amazônia. Porque isso não vai se limitar a Mesoamérica. A gente sempre pensa na guerra de expansão territorial e conquista, e essa é a guerra dos mexicas, que se justificou nessa cosmovisão, nessa função de equilíbrio cósmico. Os mexicas saíram de uma situação de subjugados para uma situação de domínio partindo do princípio que eles eram escolhidos para ajudar o sol a continuar num movimento sem perder força durante as batalhas contra os deuses do inframundo, os nove senhores da noite, que são das nove camadas do inframundo, e para isso eles tinham que alimentar a divindade do sol com corações sacrificados. Isso é o que os registros mexicas nos contam, mas a gente não pode ser romântico e achar que de fato todos acreditavam nisso. E existe um dado que é muito marcante nisso, são informações que vem do registro colonial, mas merecem atenção, que é justamente nesse momento que eles conseguiram virar a moeda, quando eles queimaram uma série de registros. Essa ação de reescrever a história é comum, a partir de 1427 no caso dos mexicas.

Eu realmente acho que a grande ruptura acontece nesse período de 1427, 1440, antes da chegada dos europeus. Se você for pensar em ruptura ideológica, com a tradição, porque depois disso, durante todo o século XVI, eles tentaram ao máximo segurar os valores e a fundamentação autóctone. Não é coincidência, o fato de que a partir de 1440, as esculturas ficaram de dimensões muito mais monumentais, com essa cara mais propagandística, e que mais para o final do século XV, vão ficando cada vez mais humanizadas. Em vez de você ter um registro que você mal identifica se é um homem ou uma divindade, você claramente vê o homem representado, muitas vezes ataviado, com os atributos de determinada divindade, mas a presença humana fica cada vez mais clara. Mas esse é o meu ponto de vista, que é fruto de um estudo da arte produzida sob os auspícios do culto oficial. Sem esquecer que era feita para utilização no culto, se não parece que toda essa base antropológica de importância ritual da batalha não tem importância, é mostrar que uma determinada camada de elite exacerbou para um outro lado que era muito coerente com toda uma ação coercitiva, e de domínio de expansão e tributação. Eu acho que as melhores evidências disso são as econômicas. Se você pega os códices coloniais, mais para a segunda metade do século XVI, eles ficam com uma cara bem mais ocidental, mas eles estão lá, as elites reclamando para a coroa das agressões do vice-rei, a quantidade insuportável de tributos que não podiam pagar. Foi por isso que os mexicas foram derrubados tão facilmente, porque eram um grupo opressor e na medida que chegaram os espanhóis foi uma oportunidade que os oprimidos viram de ficar mais fortes.

[FIM DO DEPOIMENTO]